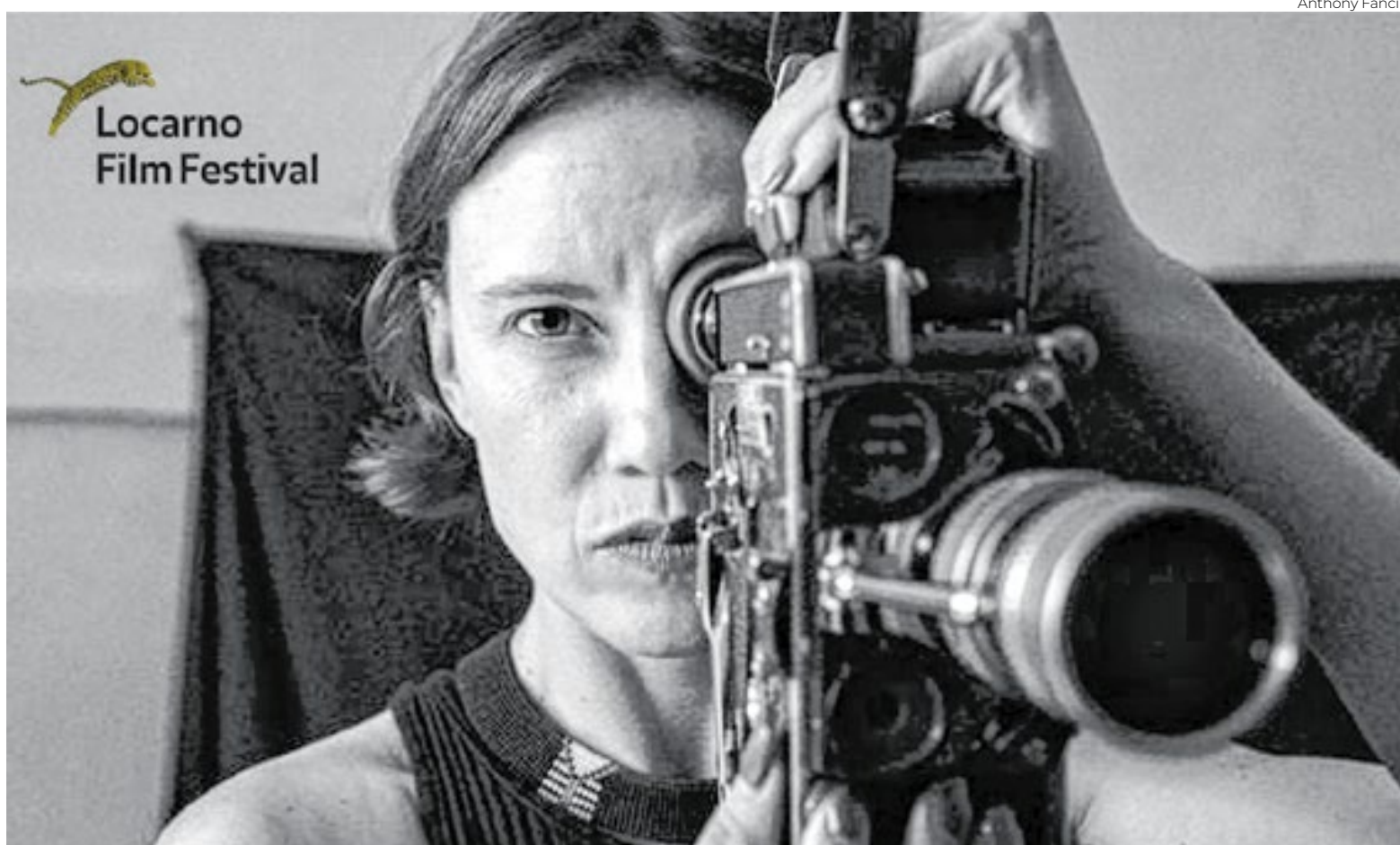


Realizadora de poemas visuais em forma de filme, a brasileira Ana Vaz leva a Locarno uma mirada sobre o Japão, sem vias antropológicas, de eixo transcendental, chamada 'Hanabi'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã



Anthony Fancin

A realizadora brasileira Ana Vaz leva ousadia para as telas suíças

Micropolítica da catástrofe em pétalas

Brota uma nova ousadia brasileira nas telas de Locarno, agora com nome de flor... uma flor de fogo... ou melhor, "Hanabi". Esse é o nome do novo ensaio em forma de longa-metragem de Ana Vaz, artista visual e cineasta conhecida por experimentos como "É Noite na América", de 2022, e "Apiyemiyeki?", de 2019. Nasce de uma imersão em terras nipônicas.

Trata-se de um poema com imagens em movimento, definido como "uma história sobre a radioatividade". Rodado no Japão ao longo de dez anos, a produção observa um país submetido a uma ameaça mortal, sob o trauma de um terremoto e as instabilidades oriundas a uma catástrofe nuclear. A vida continua apesar das angústias. Tóquio segue expandindo seus limites; novos solos substituem as terras irradiadas; ilhas surgem no Oceano Pacífico; trabalhadores, cidadãos, engenheiros, agricultores e religiosos empenham-se, cada qual ao seu modo, em domar o pânico de suas comunidades.

Atravessando essa constelação de testemunhos e experiências, há um livro diário, "Journal of a Radioactive Brain", da escritora Yoko Hasuke. Suas páginas nasceram na esteira do tsunami e do desastre atômico que se seguiu ao terremoto de Tohoku — e do qual Ana Vaz parte para uma livre inspiração, em colaboração com a autora.

"As imagens não capturam, não extraem, não aprisionam, elas buscam 'fazer corpo', ou seja, a câmera não é nada mais do que um ampli-

ficador de presenças", explica Ana, por email, ao Correio da Manhã, ao explicar sua dinâmica de trabalho. "O encontro com Yoko Hayasuke, ainda nos primeiros anos da fabricação do filme, foi transformador. Não apenas pela dimensão literária e política de seu texto, mas também pela maneira como Yoko encara o desastre a partir do corpo que treme, vibra, sente, intui e teme. A prosa de Yoko narra a experiência micropolítica da catástrofe, ao mesmo tempo cotidiana e metafísica,

íntima e coletiva.

Segundo a cineasta, sua crônica começa com o grande terremoto de Tohoku e o desastre nuclear subsequente, mas leva a plateia uma reflexão profunda sobre a composição molecular da existência, a violência patriarcal contra as mulheres, a reprodução da vida, as manifestações de insurgência — também chamadas de loucura —, a violência psiquiátrica e as diversas formas de alienação impostas pelo capitalismo tardio.

"Hayasuke politiza o medo e a hipocondria com grande irreverência, como sintomas de corpos que resistem à normalização das diversas violências impostas pelo sistema", explica Ana. "É um texto sem imagens definidas, mas abundante em conceitos polisêmicos, que nos levam a pensar, sentir e ouvir os lugares, os seres, os corpos e os elementos".

Haverá um par de sessões de "Hanabi" em Locarno, na tarde desta quinta e na manhã de sexta.

O imparável Hong Sangsoo

Sábado será o desfecho de Locarno, com a premiação anunciada no início da tarde da Suíça, ali pelas 9h do Brasil, que concorre ao Leopardo de Ouro com o thriller queer "A Margem do Rio", de Enock Carvalho e Matheus Farias, frente a uma leva de experimentos existencialistas sobre identidade e responsabilidade. Os dois temas, que pautaram todo o festival, dão as mãos num dos mais esperados competidores deste ano: o sul-coreano "Nowhere to Lay My

Eyes" (cujo título original é "Nun Dul Dega Eomne"). Seu realizador goza do status de mestre e da fama de ser gente que faz (e muito): Hong Sangsoo, o diretor mais prolífico do planeta. Anualmente, ele lança dois longas. Em fevereiro, exibiu "The Day She Returns" ("Geunyeoga doraon nal"), na mostra Panorama da Berlinale, na Alemanha. Agora é a vez de encantar a Suíça.

"Eu filmo situações do dia a dia que são simples, o que me leva a



Kim Minhee, musa de Hong Sangsoo, vive Sanghee num longa rodado em seis dias

rodar com rapidez. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som para nós. Com isso, meu orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também. Nem saberia precisar quanto a gente gasta por filme, mas é pouco", disse Sangsoo ao CORREIO DA MANHÃ no lançamento de "O Que A Natureza Te Conta", na Berlinale de 2025.

Seu novo trabalho inventaria angústias. Em "Nowhere to Lay

My Eyes", Sanghee visita a mãe na ilha de Jeju. O restaurante dessa delicada senhora tornou-se um sucesso. Em meio à rotina movimentada do estabelecimento, o padrao de Sanghee está fazendo um filme sobre uma sepultura de grama. Fatos até então desconhecidos, conselhos desnecessários e elogios baratos são trocados entre eles. Na manhã de sua partida, os outros integrantes da família se confrontam com os registros que a protagonista faz da Coreia a seu redor. (R.F.)